

ENTREVISTA

‘Relação médico-paciente se transformou na pandemia’

Nesta entrevista ao JC, o superintendente médico do Hospital Moinhos de Vento, Luiz Antonio Nasi, comenta as mudanças observadas na relação médico-paciente durante a pandemia

Osni Machado

osni.machado@jornaldocomercio.com.br

Jornal do Comércio – A pandemia da Covid-19 intensificou a troca de conhecimento médico?

Luiz Antonio Nasi – Foi uma reproximação de todas as áreas e subáreas da Medicina, que envolvem desde as ciências biomédicas até a pesquisa — pesquisa de bancada, os pesquisadores trialistas (como chamamos especialistas que montam ensaios clínicos para obtenção das melhores respostas, não só de efeito, mas também de eventos adversos) etc. Passamos a trabalhar de forma mais integrada. E foi necessária uma velocidade maior aliada a essa integração, mais agilidade ao gerar conhecimento de aplicação prática dentro de um contexto de transformação da vida das pessoas, causada por essa doença.

JC – Houve um esforço para se obter informações e transpor as

barreiras na área médica?

Nasi – A área médica não tem fronteiras. Há muitas décadas temos, no Hospital Moinhos de Vento, medicina e assistência de excelência alinhadas ao que é feito de mais inovador nos grandes centros de saúde do mundo. Acompanhamos em tempo real as publicações, as principais pesquisas. O que mudou foi que precisamos transpor as barreiras da área médica pela necessidade de dar respostas rápidas frente ao vírus desconhecido. E isso ampliou a colaboração, mas também nos trouxe uma certa preocupação. Ela é fundamental para que os resultados sejam duradouros e tenham os benefícios que toda a população espera.

JC – A relação médico-paciente se transformou neste período da pandemia? Qual é a sua análise?

Nasi – A relação médico-paciente também se transformou nesses quase dois anos. Na verdade, todos os pacientes ficaram amedrontados com a probabilidade da morte batendo na porta. Muitos tiveram crises de pânico, ansiedade, estão deprimidos. Isso acontece principalmente com os idosos, que moram sozinhos, assim como pessoas acometidas por doenças crônicas. Todos esses aspectos interferem nesta relação médico-paciente. E destaco

que o grande desespero das pessoas é saber qual o seu risco em ter a doença e, adquirida a doença, como isso pode ser amenizado, como evitar sequelas ou a morte. Esses sentimentos carregam uma exigência adicional ao médico, porque ele também não dispõe integralmente dessas respostas. Mas o profissional tem a obrigação de dizer a verdade e, inclusive, demonstrar a sua insegurança em relação ao temor sobre algumas práticas médicas que eventualmente não foram ainda suficientemente testadas.

JC – Muitas pessoas deixaram de procurar seus médicos neste período. Quais são os riscos em retardar as consultas?

Nasi – As principais consequências do cenário de restrições de atendimento foram sentidas nas áreas de cardiologia e da oncologia. O mundo inteiro registrou um aumento significativo do número de diagnósticos, muitos tardios, especialmente nos últimos meses, em função da demanda reprimida. As pessoas ficaram com medo de ir aos hospitais e aos consultórios médicos para realizar os seus exames, suas consultas. Essa demanda reprimida pode ter consequências perigosas e desastrosas para o paciente devido à evolução da doença, seja ela cardíaca



LEONARDO LENSKI/DIVULGAÇÃO/JC

Nasi aponta uma reaproximação de todas as áreas da Medicina

ou oncológica. O diagnóstico precoce e o tratamento, feito de uma forma profissional, são fundamentais para se evitar complicações graves.

JC – A telemedicina veio para ficar?

Nasi – A telemedicina ganhou muita evidência e importância durante a pandemia. Enfrentamos uma certa resistência das entidades médicas, mas ela surgiu como alternativa eficaz. Acho que não tem retorno. Ela faz o atendimento chegar às pessoas de uma forma adequada, promove conhecimento, proporciona a troca de informações relevantes para que se possa tranquilizar

os pacientes, permite avaliar riscos e, a partir da consulta remota, fazer os encaminhamentos adequados. Não significa que vamos usar a telemedicina para fazer um tratamento completo e perene. Mas precisamos dela para avaliar os pacientes de risco, estimar a probabilidade desse paciente precisar de exames complementares, até para detectar a necessidade de buscar a emergência do hospital ou um serviço especializado. Então, seguramente, a telemedicina vai ser incorporada à rotina do atendimento médico, respeitando a ética e adequada aos protocolos médicos.

Hospital Moinhos de Vento destinará R\$ 200 milhões para 42 iniciativas até 2023

Programa contempla pesquisa, educação, avaliação de novas tecnologias, gestão e assistência especializada

O Hospital Moinhos de Vento prevê destinar a quantia de R\$ 200 milhões no desenvolvimento de 42 projetos de pesquisa, educação, avaliação de novas tecnologias, gestão e assistência especializada até 2023. O investimento faz parte de um programa desenvolvido em parceria com o Ministério da Saúde e que busca transferir para o Sistema Único de Saúde (SUS) a expertise de hospitais considerados de excelência, o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Institucional do SUS (Proadi-SUS).

A instituição pretende aperfeiçoar, ainda mais sua estrutura de governança nos projetos Proadi-SUS, informa o superintendente de Responsabilidade Social do Hospital Moinhos de Vento, Luís Eduardo Ramos Mariath. Ele explica que o Hospital Moinhos de Vento quer conectar cada vez mais os projetos desenvolvidos à expertise que possui e às necessidades da população brasileira.

“O Proadi-SUS existe desde 2009 é um programa de longo prazo, por isso nos permite aperfeiçoamentos para

deixá-lo cada vez melhor para cumprir o que se propõe, que é aperfeiçoar o SUS.”

No Hospital Moinhos de Vento, um comitê gestor formado por diretores e um comitê executivo, formado por outras lideranças, define projetos que serão pactuados com o Ministério da Saúde.

Segundo Mariath, os projetos têm de responder algumas demandas: o projeto tem potencial para aumentar a oferta de atendimento?; diminui custos para o SUS?; qualifica os processos e melhora os indicadores de saúde do Brasil?

O Moinhos de Vento é o único hospital no Sul do Brasil, que participa do Proadi-SUS, parceria público-privada (PPP) criada para apoiar o SUS. O programa reúne seis instituições filantrópicas, sem fins lucrativos, referência em qualidade médico-assistencial e em gestão. A lista é formada por: Hospital Alemão Oswaldo Cruz, A Beneficência Portuguesa de São Paulo, HCor, Hospital Israelita Albert Einstein, Hospital Sírio-Libanês e o Hospital Moinhos de Vento.

De acordo com o superintendente, o programa busca a redução de filas de espera; a qualificação de profissionais; pesquisas do interesse da saúde pública para necessidades atuais da população; a gestão do cuidado apoiada por inteligência artificial e a melhoria da gestão de

hospitais públicos e filantrópicos do País.

Mariath lembra que o programa é gerido por triênios e nos primeiros anos de atuação no Proadi-SUS, (triênio 2009 a 2011), o Hospital Moinhos de Vento investiu R\$ 73 milhões; no segundo (2012/2014), passou para R\$ 130 milhões; no terceiro (2015/2017) foram mais de R\$ 188 milhões. “Entre 2018 e 2020 foram R\$ 225 milhões e neste, que está em curso (2021/2023), serão em torno de R\$ 200 milhões, um pouco menos, porque a pandemia da Covid-19 nos trouxe dificuldades.”

O objetivo da instituição no atual triênio é ter, pelo menos, 40 projetos até 2023. “Estamos agora com 19 projetos, sendo três novos e os demais de continuidade. Outros 12 novos estão em análise no Ministério da Saúde.”

Uma das grandes iniciativas, segundo Mariath, ocorreu logo no início do Proadi-SUS, liderado pelo Hospital Moinhos de Vento, com a implantação do Hospital Restinga e Extremo-Sul, que consumiu boa parte dos investimentos (R\$ 250 milhões), e que impactou mais de 100 mil pessoas da região. “Transferimos esse patrimônio para o município de Porto Alegre em 2015, atualmente o hospital é gerido pela Associação Hospitalar Vila Nova”, acrescenta.

Mariath diz que em 2016 e 2017, o Moinhos de Vento começou a investir mais fortemente em projetos na área de avaliação tecnologia em saúde. Depois veio o Projeto Paciente Seguro e na sequência, o Projeto Saúde em Nossas Mãos. “Esse foi um projeto que resultou em uma economia de mais de R\$ 300 milhões para o governo e mais 2 mil vidas salvas, por conta da melhoria do ambiente das UTIs. Agora vamos estender a atuação para 224 UTIs pelo Brasil, um aumento de quase 70% com relação

ao triênio anterior. É um projeto que deu resultados expressivos”, informa.

O superintendente lembra de ações na área telemedicina como projeto TeleUTIs com atuação em todo o Brasil e no atendimento em teleconsultas, que ajudaram a reduzir a mortalidade e o tempo de internação em UTIs. Mariath cita também o projeto Teleoftalmo que foi desenvolvido durante seis anos em parceria com o Telessaúde e, no final do ano, será repassado em funcionamento para o Estado do Rio Grande do Sul.



HOSPITAL MOINHOS DE VENTO/DIVULGAÇÃO/JC

Mariath explica projeto feito em parceria com Ministério da Saúde